

A solid red vertical bar runs along the left edge of the page.

retalhos

arlete mendes

meta-morfose

a vida caleja a gente.

deixa duro,

disforme,

FEIO!

já não sente,

nem mente.

já não impacta,

empaca.

seco,

amarelo,

ríspido.

mas lá além,

profundo derme,
dorme alguém

VIVO-VERMELHO-ROSADO

esperando romper
dessa casca-casulo

e ser puro,

e ser puro.

espio pelas frestas

vício da meninice.

espio pelas frestas,
delas nascem rios,
delas surgem florestas.

passam pelas frestas

eu

meu

filho

um

trem

navio

o

mar

mundo

desencanto

P

R

O

F

U

N

D

O

pela fresta

espia

o átomo,

o universo,

que explode,

que expande,

infinito e aflito.

eu existe?

não,
resiste
nos vãos.

pendula do in-
para o cons-
ciente,

razão-pulsão?

entre o eu o outro
mora o nada,
mora o breu

temeroso
esconde-se
nas frestas.

por si só
não se
sustenta

é fraco,
borrado,
fosco,
difuso.

vago-apaga-o-lume

Tracejado tênue, em que
cada linha,
cada sulco,
molda a triste figura

rascunho-infindo-efêmero-de-tudo

procura-se

meus poemas
cumprem
duras
penas
dentro de mim

trancafiados
no mais profundo
eu-sem-fundo,

vigiados nos
cárceres-celas,

fortificados
por sangue,
órgãos,
vísceras
e titelas,

trabalham em
meu peito
sol a sol
em constante
penitência

livres
são
perigosos

levam à
indecência.

mas, por vezes,
quando a tarde cai,

os impuros,
os cáusticos
e os burros

rebelam-se

cavam túneis
microscópios,
subcutâneos,

aproveitam-se das horas
do subterrâneo humano
entre
a indolência,
a dormência,
a demência,

e fogem de mim,
danam-se a escapulir
pela
boca,
nariz,
olhos,
ouvidos

daí me ponho a compor
tais retratos-escritos
ofertando regalos
a quem capturá-los

não importando
se mortos ou vivos
qualquer pena é pouca
para os mais atrevidos.

a solidão

incomoda-se,
exaspera-se,
ao respirar.

em céus azuis,
em luas brancas,

essa tal liberdade
torna-se
insuportável.

**o
homem**

levantava cedo
todas as manhãs
para mastigar

O TEMPO

sem saber
que a vida
era quem o

e
n
g
o
l
i
a

um é pouco

preciso de muitas vidas

uma existência é pouca

clamo por todos os amores

um é pouco

sendo deles serei outros

poucos

sendo outros serei muitos

aos poucos

a entrega me multiplica.

nesta aquarela de essências

saberei que estou viva

e que morram em cinzas

todos os mortos-vivos

cristo-cola

tomai
e bebei

este é meu corpo

artificialmente

adocicado
saborizado
gaseificado

e será derramado
por todos vós.

poesia é

a vista apertada,
a letra espremida
um breve rabisco
da efêmera vida.

é
difícil

cá no alto,
pessoas palitos
habitam caixas
abafam delitos e
matam mosquitos.

lá bem mais alto,
bem mais vivinho,
pessoas-pássaras
voam vizinho
de ninho em ninho.

Eu vi a mulher vestida de tempo

varria a poeira cósmica,
espanava a teia de Ariadne
lustrava o arco de Diana,
encerava a Via Láctea,
com o cinturão de Andrômeda,
botava o Kaos de castigo.

sorrateiro veio o vento,
despiu-a do tempo,
soprou em seus ouvidos
e fez-lhe crescer o ventre

primeiro pariu a lua, já cheia,
depois o sol, a terra, vênus e marte
do sangue aspergido pelos céus
brotaram todos os seus rebentos

findados os trabalhos,
vestiu-se de novo tempo,
desceu à terra,
namorou-se do mar.
então, despiu-se,
pela última vez ,
mas ainda hoje a vejo.
as águas sagradas: seu lar

poema dos sem-face

quando eu nasci, Carlos,
um escrivão nada religioso
disse é verdade, firmo e dou fé
e como num passe de mágico
passei a existir (mesmo não existindo).

me assentou num livro,
me deu até uma folha.
queria que eu escrevesse a vida
que acidentalmente me deram?

só não me deu letra e lápis
o que me custou longos anos
e esses cabelos tingidos de branco.

desde então, escrevo, escrevo
e escrevo até que um dia, novamente,
como num passe de mágico
eu passe a não existir (mesmo ainda existindo)

